

SINTOMAS DE UMA POLÍTICA CULTURAL NA PROPOSTA DE *O NASCIMENTO DA TRAGÉDIA* DE FRIEDRICH NIETZSCHE

Mauro Rogério de Almeida Vieira*

RESUMO: No livro *O nascimento da tragédia* Nietzsche realiza o diagnóstico da cultura alemã de sua época e percebe o quão infrutífera ela se encontra devido ao alheamento e distância da arte genuinamente grega. Para realizar a inversão desses sintomas seria necessária a possibilidade de dotar de um novo impulso o ressurgimento da cultura grega antiga e trágica. Parece uma pretensão social e cultural de Nietzsche, num momento de aproximação com Wagner, o ânimo em lançar um solo de uma política cultural para os Alemães. Inspirado em refletir sobre a potência dos gregos antigos Nietzsche aponta para a reinvenção e fortalecimento da cultura de sua época. Desse modo, o presente artigo tem por objetivo apresentar a proposta explicitamente implícita de uma política cultural contida na proposta do livro *O nascimento da tragédia*.

Palavras-chave: Retorno aos gregos. Sabedoria trágica. Política cultural.

1 INTRODUÇÃO

É pena que eu não me atrevesse a dizer como poeta aquilo que tinha então a dizer: talvez eu pudesse fazê-lo! Ou, pelo menos, como filólogo – pois ainda hoje, para o filólogo, neste domínio, resta tudo a descobrir e a desenterrar!
(NIETZSCHE, 1992, p. 16)

Em 1869 Nietzsche é nomeado professor de filologia clássica na Universidade de Basiléia devido aos seus brilhantes trabalhos filológicos sobre Teógnis, Simónides, Diógenes-Laércio. Nessa mesma época intensifica seus laços de amizade com Richard Wagner. Nietzsche estava fascinado pela música de Wagner e seu drama musical, a qual o que mais o interessava era *Tristão e Isolda* e *Os mestres Cantores*. Munido de vasta leitura acerca da cultura grega e com a ideia de lançar-se no projeto iniciado por Winckelmann, Lessing, Schiller, Goethe de refletir sobre a força dos gregos para criar bases de um fortalecimento da

* Mestrado em filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN-Brasil. E-mail: rogervieira66@hotmail.com.

cultura alemã, Nietzsche insere no seu livro *O nascimento da tragédia* o objetivo de retornar aos gregos para reconsiderar a infértil cultura alemã de sua época. Porém, esse retorno aos gregos não se daria nos moldes de imitação sem ponderações. Sua orientação marcante nesse sentido fora a máxima de Winckelmann: *imitar os gregos para nos tornarmos inimitáveis*.

Parece ser esse o traço fundamental que marca a publicação de *O nascimento da tragédia*: apontar o cume, o declínio e o banimento da cultura grega antiga e trágica simbolizada pela tragédia ática; assim como a possibilidade de seu ressurgimento através do espírito da música a fim de transformar a cultura alemã daquele momento. De acordo com Nietzsche (1992, p.121):

Precisamente nos círculos cuja dignidade poderia consistir em tirar água sem descanso do leito do rio grego para a salvação da cultura alemã, no círculo dos professores das instituições superiores da cultura, é onde melhor se aprendeu a ajeitar-se rápida e comodamente com os gregos, indo-se não raro até uma renúncia cética dos ideais helênicos e até uma completa inversão do verdadeiro propósito de todos os estudos sobre a antiguidade.

É com esta crítica aos estabelecimentos de ensinos que Nietzsche procurou sentir que o retorno aos gregos não se limitaria a uma mera cópia daquele modelo como pretendiam professores das instituições de ensino superior daquele momento. A sabedoria trágica, cujo pertencimento poderia ser identificado na cultura grega, era um advento das tragédias e cada povo poderia perceber até que ponto uma transfiguração dessa sabedoria seria necessária.

Nietzsche pensava que modelos são indispensáveis, mas não para serem simplesmente copiados. Sua perspectiva era que cada cultura se apropriaria, assimilaria e adaptaria de acordo com o plano de imanência atual de cada cultura esse retorno aos gregos. Pois, compreendia que a maneira de ser dos gregos antigos era distinta dos modos de ser dos modernos.

Para Nietzsche a imitação legítima dos gregos se daria no plano de uma *imitação criadora*, um modo singular de apropriação na qual a originalidade da cultura seria o momento de celebração autoral, uma marca no mundo que, de acordo Nietzsche, anda esquecida devido à proliferação de uma cultura de *rebanho*.

O ressurgimento da sabedoria trágica possui um sentido de transformação e criação do plano da cultura atual alemã através da música trágica. Não é um retorno nostálgico à *montanha mágica helênica*. É um esforço diferente, não tocado até agora.

2 SABER TRÁGICO E ESPÍRITO CIENTÍFICO

Nietzsche fala de um saber trágico que se propunha a circunscrever uma diminuição do espírito científico que avança sem mensuras sobre o ocidente europeu. Fala da possibilidade de uma existência saudável que preze pela afirmação incondicional da existência somente pela manutenção das contradições, das diferenças, inerentes ao reconhecimento de uma sabedoria trágica. O caráter de tragicidade cria uma atitude frente à vida e essa atitude que foi vislumbrada pelos gregos é que poderia ser redimensionada e apropriada pelo povo alemão do século de Nietzsche. Desse redimensionamento surgiria a percepção de um novo fôlego, novo caminho para a construção dos alicerces da identidade nacional alemã. Identidade essa que foi inventada a custo de equívocos cruciais, por exemplo, a separação entre o saber trágico e a produção da cultura. Diz ele:

Com esse conhecimento se introduz uma cultura que me atrevo a denominar trágica: cuja característica mais importante é que, para o lugar da ciência como alvo supremo, se empurra a sabedoria, a qual, não iludida pelos sedutores desvios das ciências, volta-se com olhar fixo para a imagem conjunta do mundo e com um sentimento simpático de amor procura apreender nela o eterno sofrimento como sofrimento próprio. (NIETZSCHE, 1992, p. 111)

A sabedoria trágica que Nietzsche pretendia revigorar é originária das tragédias antigas. De acordo com ele, o futuro a qual nossas esperanças pretendiam já havia um dia sido realidade em um passado de mais de dois mil anos. Nesse sentido, percebeu que as sociedades modernas, em contraposição com a potência e vigor da cultura grega pré-socrática, desvalorizam a arte, a experiência cultural tradicional, popular, enraizada, que, segundo ele, são a expressão de uma formatação de uma cultura autêntica e genuína. Essa desvalorização vem, em geral, acompanhada de excesso de abstração que, pela debilidade da arte do mito, de um rito social e coletivo, acaba desembocando numa mecanização das relações entre as pessoas, enquadrando comportamentos e desarticulando fontes vitais de vigor e potência dos homens.

Para Nietzsche o mito era um ponto arrebatador e vigoroso de uma cultura. Uma vez que sua capacidade de representação e de criação eram fontes da construção de códigos comuns e de modelos para educação. Essa força do mito era, no caso da cultura grega antiga, expressão das tragédias gregas:

Sem o mito toda cultura perde sua força natural sadia e criadora: só um horizonte cercado de mitos encerra em unidade todo um movimento cultural. Todas as forças da fantasia e do sonho apolíneo são salvas de seu vaguear ao léu apenas pelo mito. As imagens do mito têm que ser os onipresentes e despercebidos guardiões demoníacos, sob cuja custódia cresce a alma jovem e com cujos signos o homem dá a si mesmo uma interpretação de sua vida e de suas lutas: e nem sequer o Estado conhece uma lei não escrita mais poderosa do que o fundamento mítico que lhe garante a conexão com a religião, o seu crescer a partir de representações míticas. (NIETZSCHE, 1992, p. 135)

Nietzsche lança sua reflexão, ainda, acerca da mediocrização da cultura européia e, especialmente a alemã de sua época. Fala de um nivelamento por baixo da espécie homem, de um homem tal qual um *animal de rebanho*, que toma como modelo de atuação social o sujeito moderno do conhecimento, o homem do cientificismo. Esse sintoma doentio da sociedade mantém relação direta com o excesso de abstração racional e a pouca experiência cultural, artística, mítica, trágica:

Coloque-se agora ao lado desse homem abstrato, guiado sem mitos, a educação abstrata, os costumes abstratos, o direito abstrato, o Estado abstrato; represente-se o vaguear desregrado, não refreado por nenhum mito nativo, da fantasia artística; imagine-se uma cultura que não possua nenhuma sede originária, fixa e sagrada, senão que esteja condenada a esgotar todas as possibilidades e a nutrir-se pobremente de todas as culturas. (Idem.)

Quando Nietzsche lança seu sarcasmo filosófico ao cientificismo e racionalismo, evidenciado nas sociedades modernas, de modo algum se afasta da filosofia. Pelo contrário, sua relação com a filosofia – inspirado pela arte, vem denunciar como a razão filosófica se tornou apanágio de um modo de pensar que desvaloriza todos os outros aspectos da existência que escapam a própria razão. Assim, por exemplo, o cientificismo numa atitude totalitária coloca-se como o discurso da verdade, como propriedade dogmática:

em todo caso um novo problema: hoje eu diria que foi o problema da ciência mesma – a ciência entendida pela primeira vez como problemática, como questionável. [...] Edificado a partir de puras vivências próprias prematuras e demasiado verdes, que afloram todas à soleira do comunicável, colocado sobre o terreno da arte – pois o problema da ciência não pode ser reconhecido no terreno da ciência. (NIETZSCHE, 1992, p. 15)

O que se destaca aqui é como o pensamento nitzscheano se insere numa perspectiva de aglutinação entre os diversos conhecimentos que permeiam a existência. É assim que propõe a análise do problema da ciência fora de sua própria esfera: “*ver a ciência com a óptica do artista, mas a arte, com a da vida...*” (idem). A valorização de Nietzsche por essa aglutinação, que considera como aspecto imanente da própria vida em seu aspecto não-esquemático, caótico, acasual, se coloca como contra-movimento ao demasiado excesso de especialização que é consequência da fragmentação proposta pelo pensamento cartesiano, que se tornou extensível no período positivista às diversas áreas de atuação humana. De modo geral, o pensamento e a atuação humana na modernidade estão circunscritos em despedaçamentos do saber, o que torna a solução de problemas apenas um esquema paliativo e setorizado. Isso pode até mesmo ser observado como caso típico de áreas sociais fundamentais, como a saúde, a economia, a educação, e até na sua relação consigo mesmo.

3 CIÊNCIA MODERNA E POLÍTICA

A ideia de compartimentar o saber, de proceder com divisões estanques para garantir uma eficácia no conhecer e no apreender, que alicerçou o método científico responsável pela fundamentação da ciência, tal como a conhecemos até hoje, por um lado facilitou e até mesmo possibilitou, um maior conhecimento e sistematização da natureza, do homem e da sociedade. Ademais, por outro lado, ocasionou uma hierarquização dos saberes. Possivelmente, há um objetivo político que fica evidente neste excesso de fragmentação: as pretensas soluções para as questões sociais, econômicas e culturais são procurados no interior dos estados nacionais, momento pontual, quando há uma efetiva globalização das relações comerciais e econômicas, de um modo geral. O próprio indivíduo passou a funcionar apenas dessa maneira

desarticulado, culminando na dificuldade de integrar, conectar, comunicar, entrelaçar as diferentes áreas do saber e da ação, onde teoria e prática se encontram dicotomizadas. Desse modo, o que parece prevalecer segundo os escritos nietzscheanos, é um excesso de logicização que tenta domar outras possíveis formas de conhecer, acarretando um pragmatismo e individualismo na relação do homem para com a vida, com o mundo, com o outro e consigo mesmo.

Ao contrário do pessimismo saudável dos gregos antigos, do conhecimento trágico que eles possuíam, anterior ao racionalismo socrático, marca dos tempos do ocaso da cultura grega, segundo as palavras do próprio Nietzsche:

E se, por outro lado e ao contrário, os gregos, precisamente nos tempos de sua dissolução e fraqueza, tivessem se tornado cada vez mais otimistas, mais superficiais, mais teatrais, bem como mais ansiosos por lógica e logicização, isto é, ao mesmo tempo ‘mais serenojovais’ e ‘mais científicos’? Como? Poderia porventura, a despeito de todas as ‘idéias modernas’ e preconceitos do gosto democrático, a vitória do otimismo, a racionalidade predominante desde então, o utilitarismo prático e teórico, tal como a própria democracia, de que são contemporâneos — ser um sintoma da força declinante, da velhice abeirada, da fadiga fisiológica? E precisamente não — o pessimismo? (1992, p.18)

Nesses termos, Nietzsche desfere sua crítica radical aos valores modernos que se apresentam como consensuais, tais como a democracia, o otimismo, a lógica como demonstração e regra, ao predomínio do racionalismo, ao utilitarismo, classificando-os como sintomáticos da decadência da força e da vitalidade do ser humano e, por conseqüência, da cultura. Opõe a isso o conhecimento trágico do homem, sua capacidade de conjugar alternadamente o apolíneo e o dionisíaco, transbordamento e medida, arte e ciência, aspectos belos e sublimes e grotescos da vida, a diversidade, a pluralidade, sem tentar dissimular o feio, a dor, o sofrimento, vivendo sobre a imanência e o devir.

Então, a proposta de *O nascimento da tragédia* é a formação de um conhecimento que provenha de diferentes perspectivas, que não se distancie do conhecimento histórico e do rigor científico. Porém, que se deixe entremear pela arte e pela filosofia, permitindo ao ser humano ser mais criativo e ousar para além daquilo que já é amplamente aceito como verdadeiro. Como pensador intempestivo consegue visualizar a decadência do modelo lógico-cientificista da modernidade, baseado na atomização dos seres e dos saberes, propondo, então, retomar a visão do todo, da totalidade que só existe porque se baseia em partes suplementares

que se encontram profundamente imbricadas, algo que se vem perdendo mais e mais devido ao demasiado percurso da fragmentação do método científico. Nietzsche, então, pretendia pensar a ciência nos seus devidos limites, restringindo as esferas às quais seria importante sua atuação, tal como as:

grandes naturezas, com disposições universais, [que] souberam utilizar com incrível sensatez o instrumento da própria ciência, a fim de expor os limites e condicionamentos do conhecer em geral, e com isso, negar definitivamente a pretensão da ciência à validade universal e a metas universais. (NIETZSCHE, 1992, p. 110)

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Toda a crítica que Nietzsche fará em seguida nas outras obras aos dogmas religiosos, à moral do ressentimento e da ascese, crítica que é artifício do projeto nietzscheano de *transvaloração de todos os valores* – já pode ser prevista em *O nascimento da tragédia: “aqui nada há que lembre ascese, espiritualidade e dever, aqui só nos fala uma opulenta e triunfante existência”* (NIETZSCHE, 1992, p.36).

Nietzsche, nesse sentido, faz questão que apareça no percurso de sua obra a crítica voraz à cultura ocidental científica-cristã, que tenta dissimular o aspecto trágico inerente à própria existência. Assim como faz elogio do modo de ser dos gregos e sua tragicidade constitutiva, que os possibilitava viver de forma afirmativa resguardando todos os aspectos da existência. Com relação ao diagnóstico que fazia do mundo cristão ocidental, cujos valores ascéticos e a vontade de sistema, distanciavam o homem do mundo, da vida, da existência material, Nietzsche mantinha uma séria desconfiança e preferia o conhecimento e a forma de se relacionar com a vida mais imanentes e plurais, cujo funcionamento se insere na própria transformação, no devir, e, portanto, menos sistemáticos e especializados.

Seguindo essa interpretação nos parece que Nietzsche deu, para além das outras interpretações das tragédias gregas, uma considerável contribuição de conteúdo. Pois, fazendo dessa interpretação uma ontologia, privilegiou o aspecto ontológico que abarca as diferenças, que é dinâmica e por isso se refaz no tempo num processo de luta constante com a imanência. Para Nietzsche não só as tragédias gregas concebiam uma sabedoria ontológica, seguindo o pensamento do idealismo alemão que o antecedeu, mas essa sabedoria só poderia ser

divulgada por essa arte porque era uma sabedoria trágica e não dialética. Ao longo de *O nascimento da tragédia*, Nietzsche deixa evidente a relação que propõe entre os princípios *apolíneo e dionisíaco*, que traduzem a dualidade da existência, em sua mistura entre beleza e dor, medida e desmesura: é um relação suplementar de co-presença, e não uma função ou síntese, como o encaminhamento previsível de todo modelo de relação dialética. Para Nietzsche, entre essa dualidade de impulsos estéticos da natureza, a luta, o jogo, o conflito, o *agon*, enfim, não finda, não harmoniza em nova unidade, existindo apenas reconciliações temporárias.

Teremos ganho muito a favor da ciência estética se chegarmos não apenas à intelecção lógica mas à certeza imediata da introversão de que o contínuo desenvolvimento da arte está ligado à duplicidade do apolíneo e do dionisíaco da mesma maneira como a procriação depende da dualidade dos sexos, em que a luta é incessante e onde intervêm periódicas reconciliações (NIETZSCHE, 1992, p. 27)

Esse cuidado de Nietzsche em não propor uma relação dialética na sua proposta de uma ontologia trágica, pode se apresentar ligeiramente com pouca relevância, mas, o importante, é que oferece em potência a valorização da diferença, da pluralidade dos modos de vida. Este aspecto que pode ser um pequeno detalhe na sua interpretação ontológica, é o que sedimentará no desenrolar de sua obra, após amadurecimentos e metamorfoses em sua filosofia, as interpretações radicais que Nietzsche faz dos processos de padronização dos seres humanos como *animais de rebanho*. Ao mesmo tempo tece elogios àqueles considerados *legisladores de si*, capazes de criar critérios e paradigmas que não sejam máximas universais, porém originais, e nutri-los de justificação a partir de sua própria existência – são os chamados *espíritos livres*.

Portanto, entendemos até aqui que a valorização da diferença insinuada por Nietzsche em *O nascimento da tragédia* possui uma importância sobremaneira para a política cultural que tenta pensar para a Alemanha de sua época e por que não para a nossa época. Nietzsche abre para infinitas possibilidades de reinvenção do fazer político. Isso, talvez, porque pensamos a política como sendo o espaço por excelência de interação entre diferentes, através da vida na *polis*, no interior do grupo cultural, nas lutas cotidianas, através da convivência múltipla, plural no espaço público. Diametralmente oposto a política de padronização da conduta, na qual o ser humano é teleguiado, na maioria das vezes, por

interesses díspares dos seus, mas que segue a fim de garantir aceitação e inserção na coletividade. Coletividade que, em última instância, adota como critérios: a semelhança, a prescrição, “*o bem-estar geral*”.

REFERÊNCIAS

ANSELL-PEARSON, Keith. *Nietzsche como pensador político: uma introdução*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, trad. Mauro Gama e Cláudia Martinelli.

FOUCAULT, Michel. “Nietzsche a genealogia e a história” In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979, tradução Roberto Machado, p. 15-37.

MACHADO, Roberto. *Nietzsche e a verdade*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1985.

_____. “Introdução: arte, ciência, filosofia.” In: *Nietzsche e a polêmica sobre O nascimento da tragédia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. *Crepúsculo dos ídolos*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000, trad. Marco Antônio Casanova.

_____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, trad. Paulo César de Souza.

_____. *O Nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, trad. J. Guinsburg.